

MATERNIDADE COMO NOVUM EM THE HANDMAID'S TALE (1985) DE MARGARET ATWOOD

Mabiana Camargo¹
Neide Garcia Pinheiro²

Resumo: Este artigo tem como enfoque *The Handmaid's tale* (1985)³ da escritora canadense Margaret Atwood, explorando especificamente um dos temas centrais do romance: a maternidade. Considerando a possibilidade de inserir a obra de Atwood no modo literário Ficção Científica (FC), utiliza-se aqui o conceito de *novum*, formulado pelo filósofo e teórico de FC, Darko Suvin (2010)⁴, o qual também permite que a narrativa se expanda sob a classificação de Ficção Científica Feminista e/ou Ficção Especulativa. Apresentar a teorização sobre o estilo literário de *The Handmaid's tale* é fundamental para entender quais são os enquadramentos – novos e estranhos à realidade empírica – em que se apresenta o tema central, a maternidade. As FC/FE distinguem-se por utilizarem técnicas que radicalizam os discursos e ideologias que circulam no contexto do autor. Nessas narrativas, eles são totalmente deturpados, exagerados, invertidos, contrariados ou ainda reinventados. Assim, no romance de Atwood, a questão da maternidade mostra-se central quando se apresenta de maneira única e desconcertante para o nosso entendimento sobre ela; além disso, a maternidade configura todas as relações sociais, políticas e de gênero da narrativa.

Palavras chaves: Ficção Científica Feminista, Ficção Especulativa, *novum*, maternidade

MOTHERHOOD AS A NOVUM IN MARGARET ATWOOD'S THE HANDMAID'S TALE (1985)

Abstract: This article analyses *The Handmaid's tale* (1985) by the Canadian writer Margaret Atwood, specifically exploring one of the central themes of the novel: motherhood. Considering Atwood's novel as Science Fiction (SF), the concept of *novum* is used to develop this analysis. This concept was coined by Darko Suvin (2010), a philosopher and theorist of SF. From this perspective, it is also possible to classify the novel under the category of Feminist Science Fiction and/or Speculative Fiction (Spec. F). The discussion on the categorization of *The Handmaid's tale* is fundamental to understand the frameworks—new and strange to the empirical reality—in which the central theme, motherhood, is presented. The SF, Feminist SF or Spec.F, as peculiar literary modes, use techniques that radicalize the speeches and ideologies from the author's 'reality': in these narratives, they are totally distorted, exaggerated, inverted, contradicted or even reinvented. Motherhood in Atwood's novel is central when it presents itself in a unique

1 Graduada em Letras Inglês e Mestre pelo Programa de Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO). Estudante do Programa de Ph.D. em Inglês na University of Saskatchewan, em Saskatoon-SK, Canadá. Atualmente, estuda para seu exame de área que envolve Literaturas de Mulheres em língua inglesa dos séculos XX e XI, especificamente Literatura Norte-americana, Literatura Canadense e Literatura Diaspórica e Decolonial. Seu maior foco é em Literatura de Ficção Especulativa contemporânea e sua proposta de tese tem o título de "Space in the configurations of femininity and sexuality in the speculative Fiction novels *The Handmaid's tale* (1985), *The Testaments* (2019), *Oryx and Crake* (2003), *The Year of The Flood* (2009), *MaddAddam* (2013) e *The Heart Goes Last* (2015) de Margaret Atwood.

2 Professora Adjunta da UNICENTRO, atuando nos Curso de Letras Inglês do Campus Santa Cruz e no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). Mestre e Doutora em Letras Inglês e Literatura Correspondente pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com concentração na área de Literatura. Desenvolve pesquisas na área de Estudos Culturais, tendo como enfoque a literatura canadense, os estudos de adaptação cinematográfica e os estudos indígenas. Seu projeto mais recente tem como enfoque o estudo de Ficção Científica e Ficção Especulativa no contexto pós-colonial.

3 Neste artigo, trabalha-se com uma edição do romance, em língua inglesa, de 2014.

4 Neste artigo, trabalha-se com uma edição de 2010, *Defined by a Hollow*, editado por Baccolini et al, na qual, especificamente no Capítulo 3, Darko Suvin representa o texto sobre o *novum* elaborado em 1977.

and disturbing way for our understanding of it; in addition, motherhood shapes all the social, political and gender relations of the narrative.

Keywords: Feminist Science Fiction, Speculative Fiction, *novum*, motherhood.

“Give me children or else I die” (**Genesis apud Atwood**)⁵

“We are containers, it’s only the insides of our bodies that are important”
(**Atwood**)⁶

Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar *The Handmaid’s tale* (1985), em português, *O Conto da aia*, de Margaret Atwood. Ambientado em um período impreciso no futuro, anteriormente ao ano de 2195, o romance tem como cenário Gilead, uma república fictícia, formada com base em uma extrema divisão de classes e de gênero. Outrora uma nação democrática, Gilead transformou-se em estado totalitário liderado por homens do exército que possuem todo o poder e prestígio social e submetem os outros habitantes de Gilead a viver sob intensa vigilância e leis extremamente rígidas. Nessa sociedade futurística, quaisquer vontades individuais, longe de serem realizadas, são reprimidas pelo sistema coercitivo estatal, uma vez que o nacionalismo fundamentalista impera fortalecendo os ideais coletivos, que nem sempre são bons para todos. A república, antes tecnologicamente desenvolvida e capitalista, agora volta a ter padrões de sociedades teocráticas. Assim, a repressão conta com vários mecanismos, incluindo discursos religiosos, os quais impõem um pesado jugo sobre todos os cidadãos, mas afetam mais severamente as mulheres.

O contexto distópico de Gilead não surgira subitamente e, sim, fora desencadeado por alguns

5 “Dá-me filhos, ou morro.” (tradução nossa).

6 “Nós somos contêineres, somente as partes interiores de nossos corpos são importantes.” (tradução nossa)

fatores que são mencionados na diegese: no passado da república, houve drásticas alterações ambientais que afetou completamente a vida humana, levando a escassez de recursos naturais, mas também a degradação da saúde dos cidadãos. Como resultado, no presente diegético, instaurou-se um clima apocalíptico causado pelas baixas taxas de natalidade, pois as mudanças também ocasionaram infertilidade na maioria da população. A sobrevivência da sociedade é ameaçada e a esperança de continuidade é posta sobre certas mulheres ainda capazes de conceber, as aias, as quais são confinadas no espaço de um antigo ginásio⁷. Elas se tornam escravas nas famílias dos estratos mais altos da sociedade, sendo, então, obrigadas a gerar filhos para os comandantes do exército, cujas mulheres são inférteis. Falhar nessa missão significa para as aias a condenação às colônias infectadas pela radiação, o que equivale a uma vida de trabalho escravo e morte. Offred, a protagonista, é uma dessas aias para quem a maternidade tanto pode significar redenção e vida quanto prisão e morte.

Considerando-se os elementos narrativos acima descritos, infere-se que as teorias de Ficção Científica (FC) e/ou Ficção Especulativa (FE) são possíveis instrumentos para análise de *The Handmaid’s tale*. Parte-se do pressuposto de que o tema central na narrativa é a maternidade, por meio do qual outros temas fundamentais são construídos na diegese, entre os quais, patriarcalismo e feminismos. Trata-se assim de um tema complexo que é apresentado no romance de Atwood de forma desconcertante, instigando a reflexão sobre a plausibilidade de os eventos que envolvem a maternidade na ficção ocorrerem em nosso próprio mundo. Dessa forma, a maternidade

7 Esse ginásio é chamado Red Center, em português, o Centro Vermelho, para onde as mulheres férteis são levadas. Quando enclausuradas nesse centro as mulheres férteis devem aprender sobre a nova ideologia do regime e seus papéis de aias, através de um intenso treinamento sob o sistema extremamente vigilante, coercitivo e punitivo de Gilead.

pode ser considerada um elemento articulador do *novum*, conceito proposto pelo teórico de FC, Darko Suvin, e que é uma ferramenta viável para reflexão sobre o romance.

FC e FE: suas (in)definições

A natureza e definições de FC causam muitas indagações. Sua característica é a hibridez. Por isso, opta-se aqui por denominá-la não como um gênero literário, mas como modo de escrita ficcional que pode comportar também elementos de outras formas de escrita literária. Assim, histórias de detetive ou de amor, narrativas góticas ou fantásticas, ou mesmo uma narrativa *mainstream* podem eventualmente estar implícitas em uma obra de FC. Essa heterogeneidade também se reflete na multiplicidade dos termos que eventualmente circundam a FC, tais como, *hard science fiction*, *soft science fiction*, ficção especulativa, distopia, especulação científica, entre outros. Desse modo, sua definição também tem sido objeto de muita discussão no contexto acadêmico, gerando proposições como, “science fiction isn’t just one thing.” (GUNN, 2005, p.x)⁸ ou “(...) there is not one definition of science fiction but many; there is not one urtext but many” (KINCAID, 2005, p.45).⁹

Diante da instabilidade com relação à sua natureza e definição, discutir a FC à luz de uma ferramenta teórica como o conceito de *novum* constitui uma possibilidade analítica viável, ainda que os múltiplos significados desse modo literário não sejam exauridos com essa perspectiva teórica. Ao se indagar sobre o fator determinante para que um texto possa ser considerado FC, uma proposta é de que este modo literário, “(...) is distinguished by the narrative dominance or hegemony of a fictional “novum” (novelty, innovation) validated

by the cognitive logic” (SUVIN, 2010, p.67)¹⁰. Isto é, as narrativas de FC se diferenciam por apresentar ao leitor algo “novo”, afetando o processo recepção do texto que desafia e expande o entendimento sobre as regras que formam a própria realidade do texto e do mundo empírico. O *novum* funciona como “a mediating category: its potency springs from its rare bridging of literary and extraliterary, fictional and empirical, formal and ideological domains, in brief from its unalienable historicity” (SUVIN, 2010, p.68)¹¹. Em linhas gerais, central às proposições de Suvin é a compreensão de que o *novum* é um elemento que representa uma ‘novidade’ em relação ao mundo empírico do autor e do leitor implícito. Essa ‘novidade’ poderá se apresentar de diferentes maneiras:

(...) running from the minimum of one discrete new ‘invention’ (gadget, technique, phenomenon, relationship) to the maximum of a setting (spatiotemporal locus), agent (main character or characters), and/or relations basically new and unknown in the author’s environment. (SUVIN, 2010, p.68).¹²

Outro ponto fundamental que se observa no conceito formulado por Suvin é a conexão entre o *novum* e a lógica cognitiva. Conforme o autor estabelece, devido à estreita relação com o mundo empírico, “(...) the novum is postulated on and validated by the post-Baconian scientific method” (SUVIN, 2010, p.69).¹³ Com isto a FC distingue-se da narrativa fantástica, a qual não demanda explicações pela lógica cognitiva. Por conseguinte, na base da FC estão as filosofias da ciência, ainda

10 “(...) se distingue pelo domínio narrativo ou hegemonia de um novum (novidade, inovação) ficcional validado pela lógica cognitiva” (tradução nossa).

11 “(...) uma categoria mediadora cujo potencial explicativo surge de sua rara conexão entre os domínios literários e extraliterário, ficcional e empírico, formal e ideológico, em sua inalienável historicidade.” (tradução nossa).

12 “(...) desde uma invenção ‘discreta’ (um novo dispositivo, técnica, fenômeno ou relacionamentos) até a amplitude de um ambiente (deslocamentos espaço-temporais), um agente (protagonista, outros personagens) e/ou relações basicamente novas e desconhecidas no ambiente do autor” (SUVIN, 2010, p.68, tradução nossa).

13 “(...) o novum é postulado e validado pelo método científico pós-baconiano” (tradução nossa).

8 “A ficção científica não é uma coisa só” (tradução nossa).

9 “(...) não há uma definição de ficção científica, mas muitas; não há um texto original, mas muitos” (tradução nossa).

que, conforme o teórico mantém, “(...) a proper analysis of SF cannot focus on its ostensible scientific content or scientific data” (SUVIN, 2010, p.69)¹⁴, pois não se trata de ficção naturalística. Desse modo, a escrita de FC caracteriza-se por estar entre os limites dos domínios do fantástico e do texto realista ou naturalista.

No entanto, ressalta-se que por mais que o *novum* de um texto de FC não possa ser testado empiricamente por meio de um conjunto de cognições já existentes na época de sua produção, ele demanda uma validação científica, ao menos por meio de “(...) a ‘mental experiment’ following accepted scientific, that is, cognitive logic” (SUVIN, 2010 p.70)¹⁵. Este elemento ficcional sempre apresenta ‘familiaridade’ com algo já conhecido por justamente ser instruído pelas concepções lógicas do mundo empírico. Entretanto, mesmo que fundamentada na realidade, a novidade na narrativa de FC suscitada pelo *novum* é desconcertante, quando não, perturbadora. Sendo assim, o *novum*, transformando e radicalizando algo já conhecido historicamente, provoca em nós leitores, nos termos de Suvin, certo “(...) *cognitive estrangement*” (2005, p. 24).¹⁶ O *novum*, então, gera um processo de desfamiliarização, pelo qual algo que se apresenta de modo aparentemente ‘novo’ e ‘estranho’ no mundo ficcional entra em tensão com aquilo que é ‘familiar’ no mundo referencial.

Como se pode observar, *The Handmaid’s tale* não se ambienta em planetas distantes, nem tem como enfoque seres alienígenas, naves espaciais ou outras tecnologias ainda inexistentes no contexto de produção do romance. Haja vista a ausência desses elementos, que para muitos são centrais à FC, tem havido certa relutância em incluir o romance nessa categoria literária. Argumentando

14 “(...) uma análise apropriada de FC não [deve] focalizar nos seus dados e conteúdos científicos ostensivos” (tradução nossa).

15 “(...) um ‘experimento mental’ que siga a lógica aceita cientificamente, isto é, a lógica cognitiva” (tradução nossa).

16 “estranhamento cognitivo” (tradução nossa).

que sua obra é mais voltada ao mundo empírico e suas transformações sociais, a própria Atwood prefere denominá-la Ficção Especulativa (FE), já que, para a autora, a FE é sobre “(...) things that really could happen but just hadn’t completely happened when the authors wrote the books.” (2012, p.6).¹⁷ Por essa perspectiva, os eventos narrados em *The Handmaid’s Tale* são plausíveis, em consonância com o determinado pela lógica cognitiva baseada em pressupostos científicos. Diariamente lidamos com as consequências das práticas capitalistas que afetam o meio ambiente e a vida das pessoas. Isso predispõe a humanidade a diversas transformações, nem sempre positivas, no âmbito pessoal, social e político. Assim, severas mudanças climáticas, alterações na capacidade de reprodução humana e estabelecimento de regimes autoritários são possibilidades no mundo ‘real’.

Outra definição de FE é formulada por R.B. Gill (2013). De acordo com o autor, a FE retrata eventos que não necessariamente se desencadeiam pela mesma sucessão de acontecimentos que sustentam os pilares da realidade. Contudo, os eventos ficcionais não devem ser extraordinários ao ponto de que se torne impossível sua explicação pelas leis físicas e científicas. Caso isto ocorra, a narrativa expande-se para poder incluir o fantástico, o que, pare ele, é uma característica da FC e não da FE. Gill afirma que “(...) speculative fiction envisions a systemically different world in which not only events are different but causes operate by logics other than normal ones” (GILL, 2013, p. 73).¹⁸ Pode-se pensar aqui o que é apresentado como novo na narrativa de Atwood— a maternidade como foco deste artigo —, provavelmente está imbricado numa relação mais profunda com

17 “(...)coisas que realmente poderiam acontecer, mas que ainda não haviam ocorrido completamente quando os autores escreveram os livros” (tradução nossa).

18 “a ficção especulativa prevê um mundo sistematicamente diferente no qual não somente os eventos são diferentes, mas as causas operam por lógicas diferentes das normais.” (tradução nossa).

condutas de valores morais, éticos e políticos diferenciadas do que já é conhecido no mundo empírico, caracterizando também o tom irônico e satírico das narrativas de FC.

Ainda, para Gill, alguns escritos de FE causam maior efeito não pelo estranhamento em si, como fora apontado por Suvin, mas pelo próprio engajamento com as questões da vida real. As proposições de Gill assemelham-se, de certo modo, às definições de FC propostas por Suvin. Mas, criando somente um paralelo também não tão preciso em sua distinção, Gill deixa claro que, para ele, a FE então deve conter duas categorias específicas: “(1) categories of engagement or social critique and (2) categories of replacement or surrogate experience” (GILL, 2013, p. 79).¹⁹ Ambas estão presentes na narrativa de Atwood, quando crenças sobre a maternidade são substituídas por crenças mais radicais, causando maior opressão nas mulheres. Desse modo, o texto conecta-se às lutas feministas que visam desconstruir ideias misóginas sobre o corpo feminino.

Por seu forte caráter com o engajamento social (uma categoria imprescindível para a especulação científica apontada por Gill), considera-se que o texto de Atwood, ao abordar questões sobre o sujeito mulher e apresentar a maternidade como um dos *novums* da narrativa, permite-se ser denominado também FC feminista. Corroborando-se então a proposição de Sarah Lefanu que, em *In the chinks of the world machine: feminism and science fiction* (1988), comenta sobre o papel da FC enquanto escrita que tem a possibilidade de se engajar a questões sociais e de gênero, podendo destruir ou construir, diga-se, a ordem cultural. Nas seguintes afirmações de Lefanu, observa-se uma proximidade entre suas perspectivas e o conceito de *novum* de Suvin:

the social and the sexual hierarchies of the

19 “categorias de engajamento e crítica social e categorias de reposição e experiência substituta.” (tradução nossa).

contemporary world can be examined through the process of ‘estrangement, thus challenging normative ideas of gender roles; and visions of different worlds can be created, made familiar to the reader through the process of narrative. (LEFANU, 1988, p. 21-22).²⁰

Da mesma maneira, Pat Wheeler (2013) afirma que a FC também permite-nos ver novas perspectivas sobre homens e mulheres e por esse modo literário, “(...) writers can focus on the hierarchical relations of power, bringing multiplicity of women’s and men’s experiences, challenge dominant gender models by positing other ways of being” (WHEELER, 2013, p. 210).²¹ Assim, a FC feminista pode oferecer novas ideias sobre o corpo e desconstruir os binarismos entre o sexo feminino/masculino e as próprias construções sociais de gênero. Neste espaço em que se abre para discutir o outro, a FC feminista “(...) is for many women writers the definite genre from which to explore their disillusionment with socially driven ‘constructions’ of ‘woman’” (WHEELER, 2013, p.214).²² Nas narrativas feministas de FC, ou as mulheres serão bem representadas em sociedades idealmente igualitárias ou, ainda, apresentadas como dominantes e superiores. Essas são características das utopias feministas. Contrariamente, as mulheres podem ser retratadas como despossuídas de autonomia, poder e lugar de fala, e reduzidas às ideologias sobre seus corpos, o que caracteriza as distopias feministas, como é o caso de *The Handmaid’s tale*.

Em última instância, pela similaridade entre os termos FC e FE, bem como pela pouca clareza

20 “as hierarquias sociais e sexuais do mundo contemporâneo podem ser examinadas pelo processo de ‘estranhamento’ quando ideias sobre os papéis de gênero são desafiadas; e visões de outros mundos podem ser criadas, feitas familiares ao leitor através do processo narrativo” (tradução nossa).

21 “os escritores podem focar nas relações hierárquicas de poder, trazendo multiplicidade das experiências das mulheres e dos homens, e desafiar modelos de gênero dominantes por oferecer outras maneiras de ser” (tradução nossa).

22 “É para muitas escritoras definitivamente o gênero por meio do qual podem explorar sua desilusão com as construções socialmente conduzidas sobre as mulheres” (tradução nossa).

nas distinções entre eles, pode-se conjecturar que a resistência de *The Handmaid's tale* a uma definição precisa é uma das características relevantes desse romance, pela sua própria natureza como uma obra pós-moderna. Como tal, o romance de Atwood é sugestivo de que há fronteiras tênues e permeáveis entre os próprios referenciais teóricos aqui apresentados. Dessa forma, talvez seja mais produtivo considerar as interações desses modos literários em *The Handmaid's tale*. Além disso, seja como uma narrativa de FC ou FE, o romance ilustra o grande potencial dessas formas de escrita, muitas vezes consideradas marginais, para a discussão de temas tão relevantes para a mulher²³, como o é a maternidade. Trata-se de um tema bastante complexo que, ao se articular como *novum* em *The Handmaid's tale*, intensifica-se ainda mais, podendo provocar o estranhamento cognitivo, por gerar tensões entre as diferentes percepções sobre a maternidade e o seu retrato ficcional. Disso surge a reflexão de que as representações de maternidade no mundo distópico da narrativa, em sua aparente 'novidade', podem soar perturbadoramente familiares. Isto posto, no próximo tópico são discutidas algumas dessas representações, com um enfoque especial para a sacralização da maternidade, um tema recorrente no romance.

Give me children or else I die: a maternidade como novum em *The Handmaid's tale*:

23 Em nossa análise do romance de Atwood utilizamos o termo "mulher", mas cientes de ser uma categoria aberta, a qual deriva de noções sobre o que vem a ser mulher e de certos ideais de feminilidade construídos discursivamente. Estes são marcados pelo binarismo que separa mulher/homem e masculino/feminino. No entanto, pelas recentes teorias de gênero e feminismos sabe-se que as noções de "mulher" variam não somente devido às especificidades político-culturais que transpassam as vidas das mulheres, mas também à própria conceitualização de gênero. Este é também é instável, podendo ser expandido e desconstruído dando lugar a outras categorizações de sujeito que não performam de acordo com ideais de gênero recorrentes a determinado sexo (BUTLER, 1993). Mais ainda, neste artigo considera-se a maternidade não somente em seu sentido biológico, mas como prática social que afeta sobretudo as mulheres.

"The pregnant woman's belly is like a huge fruit... Her hands rest on it as if to defend it, or as if to they're gathering something from it, warmth and strength" (ATWOOD, 2014, p. 30).²⁴

"What have you to cry for? Are you not blessed above all female animals in being allowed to be the mothers of men?" (BURDEKIN, 1937, p. 12)²⁵

Ao se discutir sobre as representações de maternidade em Atwood, uma das possibilidades é observar as estratégias por meio das quais o tema é desenvolvido. Uma ferramenta enunciativa central em *The Handmaid's tale* é o que se pode denominar transtextualidade, aqui definida como "(...) all that sets the text in relationship, whether obvious or concealed, with other text" tudo o que coloca [um texto] em relação, manifesta ou secretamente, com outros textos" (GENETTE, 1982, online).²⁶ Enquanto Atwood retrata a maternidade de forma a ressaltar sua complexidade, temáticas similares já foram representadas em outras obras de FC e ou FE. Diversos são os textos a que *The Handmaid's tale* pode ser relacionado, entre eles *Swastika night* (1937) de Katharine Burdekin. Construindo um mundo distópico, Burdekin, que escreveu o romance sob o pseudônimo de Murray Constantine, critica o nazismo e o patriarcalismo de sua época. A narrativa ambienta-se em uma Europa futurística, a sete séculos da era hitleriana, na qual os nazistas venceram a grande guerra e dividem o comando do mundo com os também vencedores e poderosos japoneses. Na história de Burdekin, os homens da classe social mais alta exercem violenta soberania sobre outros membros da sociedade, por meio de ideologias fascistas e totalitárias. Nesse contexto,

24 "A barriga da mulher grávida é como uma fruta enorme. Suas mãos pousam sobre ela como se para defendê-la ou como se elas estivessem coletando algo, calor e força" (tradução nossa).

25 "Pelo que vocês choram? Vocês não são abençoadas acima de todas as fêmeas por lhes ser permitido serem mães dos homens?" (tradução nossa).

26 tudo o que põe o texto em relação, nítida ou secretamente, com outros textos" (tradução nossa).

ocorrem as divisões de classe e gênero, afetando principalmente as mulheres, as quais não possuem controle algum sobre seus corpos e são destituídas de qualquer tipo de autonomia e até mesmo do direito de permanecer com sua prole. Representadas como seres inferiores, elas são reduzidas a um *status* animalesco, pois são confinadas em gaiolas. Tornam-se, também, vítimas de estupro. Os valores a elas atribuídos devem-se unicamente à capacidade reprodutiva – principalmente se gerarem homens.

The Handmaid's tale também suscita a co-presença de 1984 (1948) de George Orwell. Uma das edições do romance de Atwood, em sua contracapa, contém a seguinte afirmação do *The Washington Post* book world: “(...) Just as the world of Orwell's 1984 gripped our imagination, so will the world of Atwood's handmaid” (ATWOOD, 1998).²⁷ A obscuridade do mundo distópico de 1984 ressoa na narrativa de Atwood de várias formas, entre elas a representação de um regime totalitário que oprime os pensamentos e as vontades dos seus habitantes, como também acontece em *Swastika night*. Outro ponto em que as três narrativas se assemelham é na representação da língua que, tida como aparato para fins de construção de relações interpessoais e do próprio mundo social, também é reduzida nas sociedades futurísticas para que se limite o conhecimento dos indivíduos e se suprimam pensamentos contrários aos regimes. Quanto à sexualidade, nas distopias de Atwood e Burdekin, as mulheres são objetificadas e reduzidas a sua função biológica e, em 1984, os cidadãos comandados pelo Big Brother e seu Partido são proibidos de se engajarem em relações sexuais por prazer, enquanto casamentos são somente permitidos quando aprovados pelo sistema opressor estatal.

Na sociedade futurista de Gilead as causas para o regime totalitário e a criação do ‘novo’

²⁷ “(...) Assim como o mundo de 1984 de Orwell dominou nossa imaginação, o mundo da aia de Atwood também dominará” (tradução nossa).

papel feminino foram as alterações ambientais que afetaram a saúde reprodutiva dos habitantes. Diante desse contexto distópico, as mulheres têm um papel servil e inferior, uma vez que, para a manutenção da vida humana e, especialmente, para a continuidade do estado, o governo estabelece uma geografia totalitária de classes, radicalmente patriarcal. Assim, estabelece-se em *The Handmaid's tale* uma outra possível relação de transtextualidade, com textos religiosos, especialmente o Antigo Testamento. Narra a Bíblia que os patriarcas eram depositários da promessa divina de serem pais de uma grande nação. No entanto, a concretização dessa promessa encontra obstáculos em virtude da esterilidade feminina, em muitos casos vivida como um fracasso e uma maldição. As mulheres dos patriarcas encontram uma alternativa. Sara, mulher de Abraão, oferece a ele a escrava Agar para que esta conceba filhos para o patriarca. O tema é recorrente na história do patriarca Jacó. Este possuía duas esposas, as irmãs Raquel e Lia. Esta última já havia gerado filhos ao patriarca. Raquel, no entanto, era supostamente infértil. Diante dessa situação, ela se dirige a Jacó:

And when Rachel saw that she bare Jacob no children, Rachel envied her sister; and said unto Jacob, Give me children, or else I die.

And Jacob's anger was kindled against Rachel; and he said, Am I in God's stead, who hath withheld from thee the fruit of the womb?

And she said, behold my maid Bilhah, go in unto her; and she shall bear upon my knees, then I may also have children by her. (Genesis 30:1-3, apud ATWOOD, 2014, epigraph, our emphasis).²⁸

A passagem sobre Raquel e Lia, acima transcrita, é citada integralmente em *The Handmaid's*

²⁸ “Vendo Raquel que não dava filhos a Jacó, teve ciúmes de sua irmã, e disse a Jacó: dá-me filhos, senão eu morro!”

Encolerizou-se Jacó contra Raquel e disse: porventura estou em lugar de Deus, que te negou o fruto do teu ventre?

Mas ela respondeu, aqui tens minha criada Balá. Une-te a ela. Que ela dê à luz sobre meus joelhos, e assim por meio dela terei filhos” (tradução nossa, grifo nosso).

tale, como epígrafe. Operando, portanto, a partir de uma posição bastante significativa, já antes da própria diegese, a citação sinaliza a existência de uma provável relação entre os eventos ficcionais e a narrativa bíblica. Em outros momentos, diegeticamente, a história repete-se parcialmente, por meio da citação direta do enunciado “*Give me children, or else I die.*” A primeira dessas iterações ocorre quando Offred, a escrava do mundo apocalíptico de Gilead, encontra-se com um médico que lhe oferece ajuda para cumprir a missão de gerar filhos para o comandante:

(...) his hand is between my legs. “Most of those old guys can’t make it anymore,” he says. “Or they’re sterile.”

I almost gasp: he’s said a forbidden word. Sterile. There is no such thing as a sterile man anymore, not officially. There are only women who are fruitful and women who are barren, that’s the law.

“Lots of women do it, he goes on. “You want a baby, don’t you?”

“Yes”, I say, it’s true, and I don’t ask why, because I know. Give me children, or else I die. There’s more than one meaning to it. (ATWOOD, 2014, p. 68).²⁹

Posteriormente, Offred descreve o momento em que o Comandante ao qual ela serve como aia, faz a leitura da Bíblia e enfoca a história de Raquel e Lia. É quando a protagonista se recorda de como a mesma narrativa era repetida continuamente no Red Center. Significativamente, o que enfatiza ainda mais a ressonância da narrativa bíblica no romance de Atwood é o nome do espaço de confinamento das aias, Rachel and Leah Center (p. 110).³⁰ Assim, especialmente, a expressão

29 (...) a mão dele está entre minhas pernas. “A maioria dos caras velhos não consegue mais”, diz ele. “Ou eles são estéreis.” Quase engasgo: ele disse uma palavra proibida. Estéril. Não existe algo como homem estéril, não oficialmente. Existem apenas mulheres que são férteis e mulheres que são estéreis, essa é a lei. “Muitas mulheres fazem isso, ele continua. “Você quer um bebê, não é mesmo?” “Sim”, eu digo, é verdade, e não pergunto por que, porque eu sei. Dê-me filhos, ou então eu morro. Há mais de um significado nisso. (tradução nossa).

30 “Centro Raquel e Lia.” (tradução nossa).

“Give me Children or else I die” torna-se simbólica, passando a operar ativamente na medida em que os eventos se desenrolam. Isto é, replicada em pontos estratégicos—uma vez extradiegeticamente e outras na própria diegese— a frase bíblica ressalta ser a maternidade—sua possibilidade ou impossibilidade—, o fio condutor do enredo. Sendo um enunciado religioso, seu caráter é doutrinador, carregando em si a ideia de necessidade, de importância e do peso da maternidade pela moral da história do Gênesis. Com isso, observa-se que o romance de Atwood chama a atenção para o fato de que muitas das concepções sobre as mulheres e ideias sobre seus corpos e papéis sociais têm raízes muito antigas.

Ao trazer à memória o importante enunciado bíblico, a protagonista complementa: “(...) there is more than one meaning to it” (ATWOOD, 2014, p. 68).³¹ Esse acréscimo é significativo, na medida em que ele assinala que o romance articula um debate bastante profundo sobre a pluralidade de sentidos que envolvem o tema maternidade. Nesse contexto, “Give me children, or else I die” significa a própria sobrevivência da aia. Se falhar em sua missão, ela deve ser descartada e destinada às escórias da sociedade, ou até exterminada. Assim, a possibilidade de gerar permite a ela manter-se como indivíduo nessa sociedade distópica, ainda que conceber não signifique necessariamente ser mãe ou viver a maternidade em seus múltiplos aspectos.

Infere-se então que a expressão *Give me children or else I die* no contexto do romance alude a duas possíveis perspectivas sobre a maternidade: A primeira é a biológica e a segunda é a de escolha do personagem, uma vez que se sabe, por inúmeras referências na diegese, que Offred já havia sido mãe por opção própria. No entanto, a perspectiva biológica serve como instrumento de sobrevivência individual e coletiva nesse Estado totalitário. Desse

31 “Há mais de um significado nisso.” (tradução nossa).

modo, como elemento articulador do *novum*, o tema provoca o ‘estranhamento cognitivo’, próprio da FC, por ser colocado em tensão com muitas das percepções de maternidade que nos são familiares. E, ao provocar essa tensão, permite-nos a reflexão sobre como historicamente se construíram sentidos para o ‘ser ou não ser’ mãe. Assim, emergem no romance as ambiguidades dos discursos sobre maternidade que se disseminaram ao longo da história e que tem determinado as posições dos sujeitos, especialmente, das mulheres. Um desses discursos, conforme mantemos aqui, é o de sacralização da maternidade.

Ao se tratar da sacralização da maternidade, um ponto importante para debate emerge. Observa-se que as matriarcas Raquel, Lia e, antes delas, Sara, são exemplos de mulheres estereis e assim suas histórias sugerem um dos aspectos sobre o conceito de maternidade em tempos bíblicos. A maternidade não necessariamente estaria condicionada à biologia, ou seja, culturalmente torna-se possível que, após o parto, as crianças geradas pelas escravas tornem-se filhas das matriarcas, as quais detêm a legitimidade como mães, ainda que não o sejam no sentido biológico. São elas, não as escravas, que deterão, assim, uma parte na promessa divina feita aos patriarcas e se tornarão as legítimas mães da nação. Similarmente ocorre na Gilead futurista. Guardadas as respectivas diferenças de contexto, ambas as narrativas sugerem que, somente se forem centradas na figura de legitimidade das matriarcas, as nações prosperarão. Mas para que isso ocorra, em um primeiro momento, as escravas são figuras centrais e mantém, ao menos temporariamente, um determinado *status* em suas sociedades. No romance, isto se torna bastante claro na passagem em que Offred contempla uma pequena tatuagem no seu tornozelo: “It’s supposed to guarantee that I will never be able to fade, finally into another

landscape. I am too important, too scarce, for that. I am a national resource” (ATWOOD, 2014, 73).³²

O estado totalitário apresentado na narrativa se mantém a partir desse papel social e da disseminação de estereótipos, tais como, o da mãe divinizada. Paradoxalmente, o poder da fertilidade diviniza, mas também condena as aias e as objetifica como escravas e mães biológicas. Assim, o romance expõe atitudes contraditórias como repressão/proteção exagerada e sacralização/violação do corpo, que se torna objeto de adoração e ao mesmo tempo de repulsa ao feminino pelos valores de um regime conservador, repressivo e falocêntrico. No decorrer do enredo a discussão sobre estereótipos se expande e, além de ser desenvolvida por meio da transtextualidade, como se nota até aqui, é conduzida pela inserção de outros elementos que operam simbolicamente e que aludem às representações do corpo, especialmente o feminino. Nesse sentido, retoma-se uma passagem do texto em que a protagonista afirma, “we are containers, it’s only the insides of our bodies that are important” (ATWOOD, 2014, p.110).

A citação acima ilustra a objetificação das aias, especialmente pela sua capacidade reprodutiva. Vistas apenas como receptáculos, seus corpos pertencem ao estado. Mas essa objetificação se estende para incluir as demais mulheres de Gilead, já que todas são obrigadas a trajar vestes longas que ocultam seus corpos. Aias vestem roupas vermelhas, semelhantes a túnicas. Uma espécie de touca branca com abas na direção das orelhas encobre-lhes a maior parte do rosto. Os trajes das esposas dos comandantes são azuis. E as martas, que são serviçais inférteis, vestem-se de verde. Como se observa, a vestimenta feminina está relacionada ao mecanismo de repressão e coerção, já que as cores definem suas classes sociais e

³² “Supõe-se que garante que eu nunca vou desvanecer, finalmente, em outra paisagem. Sou muito importante, muito escassa para isso, porque eu sou um recurso nacional” (tradução nossa).

dividem as mulheres de acordo com suas funções. As aias, porém, perdem a sua subjetividade mais do que as outras mulheres, pois até suas faces devem ser ocultas.

Na passagem a seguir, observa-se a presença de uma mulher grávida. A descrição desse momento indica que as demais personagens a contemplam como uma heroína que, após uma extenuante escalada chegará finalmente à vitória e sua própria salvação. É assim uma imagem de esperança, pela qual as outras mulheres vislumbram a possibilidade de sua própria salvação, caso cumpram a tarefa primordial e sagrada em Gilead, a maternidade.

As we wait in our double line, the door opens and two more women come in, both in the red dresses and white wings of the Handmaids. One of them is vastly pregnant; her belly, under her loose garment, swells triumphantly. There is a shifting in the room, a murmur, an escape of breath; despite ourselves we turn our heads, blatantly, to see better; our fingers itch to touch her. She's a magic presence to us, an object of envy and desire, we covet her. She's a flag on a hilltop. Showing us what can still be done: we too can be saved. (ATWOOD, 2014, p.29).³³

Ao se tratar da sacralização da maternidade, emerge outro ponto importante. Tanto a escrava da matriarca bíblica Raquel quanto as aias em *The Handmaid's tale* mantêm um determinado *status* nas sociedades em que vivem pela possibilidade de gerar filhos. No entanto, as matriarcas, sejam as bíblicas ou as do romance, são as que detêm a legitimidade como mães, ainda que não o sejam no sentido biológico. Por conta da condição de não poderem gerar filhos, são obrigadas a aderirem a uma alternativa, permitindo que outra mulher conceba filhos para os patriarcas. Nesse sentido,

³³ Enquanto esperamos em nossa fila dupla, a porta se abre e mais duas mulheres entram, ambas em vestidos vermelhos e toucas brancas das aias. Uma delas está imensamente grávida; sua barriga debaixo da sua roupa solta, incha triunfante. Há uma mudança no quarto, o murmúrio, um escape de ar apesar de nós mesmas, nós viramos nossas cabeças, descaradamente, para ver melhor, nossos dedos coçam para tocá-la. Ela é uma presença mágica para nós, um objeto de inveja e desejo, nós a cobiamos. Ela é uma bandeira no alto de uma colina, mostrando-nos o que ainda pode ser feito: nós também podemos ser salvas. (tradução nossa).

estabelece-se uma relação hierárquica. As mulheres dos comandantes, tal como as matriarcas bíblicas, sofrem a opressão para manutenção de seu *status* nessas sociedades patriarcais. Já as escravas bíblicas e as aias do mundo futurista, por sua vez, são oprimidas não somente pelo Estado totalitário, mas, pelas próprias matriarcas. Essa dupla opressão é muito sugestiva em termos históricos, especialmente no que diz respeito às condições femininas em evidência no contexto de produção do romance.

Em conformidade com os pressupostos de Suvin, um novum é construído a partir da perspectiva histórica daquele que o concebe. Não por acaso, o teórico afirma que elementos novos e desconhecidos do ambiente do autor [e do leitor] “(...) tangentially...[are] always identifiable from the text's historical semantics, always bound to a particular time, place, and sociolinguistic norm³⁴” (SUVIN, 2010, p.69) Ao se compreender a mecânica do novum, observa-se que “(...) SF is a historical genre” (SUVIN, 2010, p.69).³⁵ Portanto, parece óbvio que um autor não pode criar algo que não esteja de certa forma pautado em seu mundo referencial. Desse modo, ressaltando-se que um novum é baseado naquilo que o autor vive ou presencia em dado contexto sócio-político, a literatura é o espaço de representação de certas relações e ações humanas oriundas de determinadas épocas e circunstâncias. Pode-se então estimar o contexto de produção de um texto como um ponto importante para sua reflexão e interpretação, pois somente é possível descrever as circunstâncias das temáticas apresentadas quando se pergunta ao texto de onde e quando ele emerge, de que forma ele emerge, para que se consiga caminhar em meio aos possíveis discursos que ele carrega.³⁶

³⁴ “(...) tangencialmente (...) identificável[is] a partir da semântica histórica do texto, sempre atada a um tempo e lugar particular e norma sociolinguística” (tradução nossa).

³⁵ “(...) a FC é um gênero histórico” (tradução nossa).

³⁶ Como já postulado por Michel Foucault (2000) mesmo diante da ‘ausência’ do autor, deve-se levar em conta como

Há, assim, uma possível interlocução entre o mundo fictício de *The Handmaid's tale* e questões muito presentes no contexto histórico em que o romance foi produzido. Tal contexto se relaciona à história dos feminismos, que parece fornecer elementos à narrativa. A perspectiva da maternidade nela articulada reflete a substância político-histórica do *novum*, nos anos 1980, numa época de grandes debates feministas ambíguos, complexos e contraditórios. *The Handmaid's tale* foi publicado em 1985 época em que as ideias sobre diferenças entre o sexo e gênero começam a ganhar mais ênfase (biologia versus constructo social), juntamente com as discussões sobre o papel da mulher como esposa e mãe, heterossexualidade normativa, questões sobre identidade racial e ferrenhas críticas ao capitalismo e também à desigualdade social (RAMPTON, 2015).

Se o objetivo do *novum* é levar o que conhecemos ao seu limite para se transformar em objeto de reflexão, é possível observar como *The Handmaid's tale* 'sacraliza' a maternidade de forma exagerada para que reflitamos sobre como ela opera no nosso próprio mundo. A capacidade de gerar move a existência humana, mas ela representa também um evento político e social, e a sua 'sacralização' está imbuída na história, em especial da mulher que ficou vulnerável à repressão causada pelos discursos sobre sua biologia. Por conseguinte, *The Handmaid's tale* é notável por suscitar discussões que têm sido historicamente relevantes especialmente para as mulheres. Afirmado um impulso pós-moderno, especialmente por meio da estratégia de transtextualidade, o romance sugere que, permeando a narrativa de Offred, estão todos os discursos historicamente construídos desde

a 'função autor' opera como um articulador de discursos. A 'função autor' é aquela que agrupa os textos e os caracteriza em determinado estilo e conjuntura. E não se pode esquecer que esse agrupamento de diversos discursos, bem como o funcionamento e circulação deles, deram-se inevitavelmente em um determinado momento histórico. E, além disso, são inerentes a uma determinada sociedade e cultura.

tempos primordiais. O romance, então, articula uma importante relação entre o passado, o presente e o futuro, especialmente no que concerne à mulher, à maternidade e às práticas significativas que foram sobre elas construídas ao longo da história.

Considerações finais

Iniciou-se este artigo propondo que, como FC/FE, o romance de *The Handmaid's tale* tem como *novum* o tema da maternidade e que a categoria proposta por Suvin possibilita ao leitor questionar-se quanto a plausibilidade dos acontecimentos no mundo 'real'. Isto posto, relembra-se que, não sendo um livro de hard science fiction, *The Handmaid's tale* contempla temas mais sociológicos do que tecnológicos. Numa inversão utópica sobre a crença em certos aspectos da maternidade e do papel da mulher em um mundo distópico, o romance retoma inúmeras indagações sobre a problemática da subjetividade feminina. Tendo isso em conta, *The Handmaid's tale* aponta para questões complexas, entre elas a natureza da maternidade e a possibilidade de considerá-la em seu âmago social, cujas amarras têm envolvido e constituído a mulher ao longo da história. Ao articular essa discussão, o romance é inquietante. Ele nos convoca a pensar que, apesar dos avanços atuais em termos de reflexão sobre a condição feminina, muitas vezes nos esquecemos de que patriarcalismos e totalitarismos existiram, existem e provavelmente, continuarão a existir. Esquecemo-nos de que muitas mulheres foram, são e talvez venham a ser escravas e objetos devido a sua capacidade biológica de gerar filhos – a escrava Balá no passado ou as mulheres sequestradas pelo Estado Islâmico atualmente são exemplos históricos. Assim o estranhamento cognitivo se intensifica, na medida em que o romance sugere, a partir do *novum* que nele se estabelece, que não se está livre do retorno do 'velho' em roupagem nova.

Em outros termos, justamente pelos avanços nos debates que se intensificam especialmente a partir do final do século XX, como, por exemplo, a liberação da mulher e do corpo, as visões sobre maternidade na Gilead futurista causam estranhamento, por parecerem tão perturbadoramente familiares e plausíveis de acontecer em nosso mundo referencial.

A singularidade dessa discussão reside no fato de ela ser conduzida em uma FC/FE. Dessa forma, a leitura que aqui se propôs dessa obra fundamental de Atwood demonstra que esses modos literários são um valioso instrumento para discussão e reflexão sobre temas como o que aqui se abordou. Como obra de FC/FE *The Handmaid's tale* possibilita a reflexão sobre as possibilidades de o mundo 'real' vir a ser muito mais assombroso do que aquele que se apresenta na ficção. No momento em que este artigo é elaborado, enfrentamos a maior pandemia deste século. Como leitoras e pesquisadoras, vivenciamos aquilo que costumávamos atribuir às narrativas de FC/FE. Por meses, temos visto muitas das certezas que talvez ainda insistam em resistir aos debates próprios da era dos pós (pós-estruturalismo, pós colonialismo, pós-verdade, pós humanismo, pós-modernismo, entre outros) serem mais uma vez postas em questionamento. Embora muitos ainda tentem viver dentro de um contexto de aparente normalidade, o mundo já não pode ser mais o mesmo. A Covid19 coloca sob escrutínio nossa capacidade de sobrevivermos se, sobre nós, eventualmente, abater-se uma catástrofe de dimensões ainda maiores. No entanto, seguem-se muitos comportamentos que, em tese, deveriam ter sido revistos diante das crises que se instauram na humanidade. No Brasil, especificamente, a região do Pantanal está em chamas; as florestas e os manguezais sob constante ameaça; à crise ambiental soma-se a violência em discursos e práticas. Recentemente, vimos, perplexos a mídia nacional noticiar que uma menina de 10 anos, grávida em decorrência de um estupro, tinha seu direito legal

ao aborto questionado por fundamentalistas religiosos que se aglomeraram diante de um hospital para acusar de assassina a própria vítima. Que percepção de maternidade esses radicalismos sustentam é uma pergunta bastante plausível, especialmente no século XXI, quando, apesar de todo avanço científico, muitos ainda vociferam contra as lutas em defesa do meio ambiente, dos povos historicamente oprimidos, das mulheres.

Não há a intenção aqui de afirmar que o romance atwoodiano é 'universal'. A partir das últimas décadas do século XX, esse termo caiu em suspeição. No entanto, certas obras literárias parecem não se deixar aplacar pelo tempo, por abordarem temáticas cujo debate é inexaurível mesmo anos após sua publicação. Esse é o caso de *The Handmaid's tale*, conforme se buscou demonstrar ao longo desta breve leitura. E a riqueza desse texto literário reside justamente na capacidade de sugerir um dos papéis da literatura, que é o de representar e suscitar questões complexas da nossa sociedade, para que o/a leitor(a), como sujeito agente da transformação social, possa refletir de forma mais profunda sobre o seu próprio mundo.

Referências

- ATWOOD, Margaret. **In other worlds: SF and human imagination**. Toronto: Signal M&S, 2012. 255p.
- _____. **The Handmaid's tale**. NY: Anchor Books, 1998.
- _____. (1985) **The Handmaid's tale**. USA: Emblem McClelland & Stewart, 2014.
- A BÍBLIA**. Introdução ao Pentateuco. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- BURDEKIN, Katherine. (1937). **Swastika night**. New York: Feminist Press, 1985.

- BUTLER, Judith. Introduction. **Bodies that matter: On the discursive limits of “sex”**. New York: Routledge, 1993, pp. 1-23.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** São Paulo: Paisagens, 2000.
- GILL, R. B. The uses of genre and the classification of speculative fiction. **Mosaic: an interdisciplinary critical journal**, vol. 46, no. 2, June 2013, pp. 71-85.
- GENNETTE, Gerard. **Palimpsests: literature in the second degree**. E-book, Lincoln: University of Nebraska Press, 1997. Downloaded on behalf of University of Saskatchewan, Saskatoon, SA. <https://hdl.handle.net/2027/heb.09358>. 20 Nov 2020.
- KINCAID, P. On the origins of genre. GUNN, James; CANDELÁRIA, Mathew. **Speculations on speculation: Theories of Science Fiction**. Toronto: Scarecrow Press, 2005, p.41-53.
- LEFANU, Sarah. The reduction of women: dystopias and feminism and science fiction. **The Chinks of the World Machine: Feminism and Science Fiction**. The Woman’s Press, 1988. pp.71-75.
- _____. Feminism and science fiction. **The chinks of the world machine: feminism and science fiction**. The Woman’s Press, 1988, pp. 94-101.
- ORWELL, George. **1984**. Trad. Wilson Velloso. 3 ed. [s.l]: Nacional, 1966.
- RAMPTON, Martha. Four waves of feminism. **Pacific magazine**. 2014. Disponível em: <http://www.pacificu.edu/about-us/news-events/three-waves-feminism>. Acesso em: 30 de sept. de 2020.
- SUVIN, Darko. Science fiction and the novum (1977). **Defined by a hollow: essays on utopia, science fiction and political epistemology**. Oxford: Peter Lang, 2010.
- _____. Estrangement and cognition. In: GUNN, James.; CANDELARIA, Mathew. **Speculations on speculation: theories of science fiction**. Toronto: Scarecrow Press, 2005. p. 23-35.
- WHEELER, Patricia. Issues of gender, sexuality, and ethnicity. **The science fiction handout**, ed. Nick Hubble and Aris Mousoutzanis, Bloomsbury, 2013, pp. 209-237.

Submissão: Outubro de 2020.

Aceite: novembro de 2020.